

O Cinematógrafo e os Filmes Brasileiros na Exposição Internacional de Higiene De Dresden, em 1911

Alice Ferry de Moraes¹

Introdução

Exposições como a que ocorreu em Dresden, na Alemanha, eram muito comuns no final do século XIX e no princípio do século XX. Elas aconteciam, na maioria das vezes, junto aos congressos onde, tal como hoje, resultados de pesquisas eram apresentados por cientistas para seus pares. Havia uma premiação no âmbito científico e na esfera industrial, tanto nas exposições quanto nos congressos.

Nas exposições eram divulgados os resultados de pesquisas e avanços científicos e também produtos industriais relacionados ao tema do evento. Era de interesse geral ser premiado, pois, no caso dos produtos, isso significava aumento de vendas e sucesso financeiro e no âmbito científico trazia prestígio e reconhecimento profissional.

Oswaldo Cruz conquistou uma medalha de ouro no XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia, realizado em Berlim, em setembro de 1907, com base nos resultados de suas campanhas contra a febre amarela e a peste bubônica no Rio de Janeiro. Portanto, a expectativa quanto à participação do Brasil, nessa exposição, era muito grande. Todos queriam saber mais sobre campanhas de combate a doenças e se havia outras novidades no setor.

O público dessas exposições, relacionadas à área médica, era de dois tipos: profissionais especializados (médicos, enfermeiros, dentistas, veterinários, engenheiros, professores etc) e público leigo (de crianças a idosos).

O objetivo didático desses eventos se materializava nas formas de apresentação dos assuntos que podiam ser por intermédio de palestras, fotos, modelos em gesso e cera, gráficos, tabelas, objetos e filmes, por exemplo.

¹ aliceferry@terra.com.br

Na exposição havia uma disputa subliminar entre os seus participantes, que visavam superar os demais ao apresentar inovações e soluções para problemas relacionados à higiene.

O tema higiene tinha um grande impacto social, pois era um tema das ciências médicas, relacionado com a saúde pública e que agregava também elementos das ciências sociais. O conceito de higiene daquela época se aproxima muito do conceito de saúde de hoje, pois incluía meio ambiente, saneamento, habitação, além da alimentação, esporte e prevenção de doenças e promoção da saúde.

A Exposição

A I Exposição Internacional de Higiene, de 1911, aconteceu em Dresden, capital da Saxônia, na Alemanha e foi organizada por Karl August Lingner, que era um empresário e farmacêutico alemão. Ele criou, com a ajuda do químico Richard Seifert, o *Odol*, um antisséptico bucal, muito popular no mundo inteiro no final do século XIX.

Lingner havia organizado a *Volkskrankheiten und ihre Bekämpfung* (Doenças comuns e seu controle), uma exposição sobre higiene no Império Germânico, que durou de maio a setembro de 1903 e foi instalada também em Dresden. Boa parte da estrutura dessa exposição foi aproveitada em 1911, particularmente, a parte referente aos pavilhões temáticos, com destaque para o de higiene popular.

O símbolo da exposição (um grande olho), criado por um pintor desconhecido, William Petzold, teve sua versão definitiva feita pelo pintor e escultor bávaro Franz Von Stuck, que estudou na Academia de Belas Artes de Munique e onde, mais tarde, foi professor dos famosos artistas plásticos Kandinsky e Paul Klee. O olho da higiene ou o olho da cultura tornou-se símbolo do movimento higienista e da educação em saúde.

O caráter didático e o público leigo não afastaram a presença de grandes cientistas, nem tiraram a importância da exposição de Dresden.

O Espaço da Exposição

A exposição ocupava um espaço de 320 mil m², ou seja, um espaço equivalente a cerca de dois estádios de futebol como o Maracanã, sendo apenas 70.000 m² ocupados por prédios. Os demais espaços eram compostos por jardins, áreas abertas, com muitas tílias, espécie de árvore muito comum na Alemanha.

Para os moradores da cidade de Dresden, foi um acontecimento de grande monta, pois a exposição recebeu, de maio a outubro, 5,2 milhões de pessoas entre cientistas e leigos de diversas partes do mundo. Ela custou cerca de seis milhões de marcos, lucrando um pouco mais de um milhão. A receita tinha como base as entradas para a exposição e o aluguel de espaços para exposições. Os gastos foram com a construção e acabamento de interiores de prédios e com a publicidade.

Grande parte da exposição estava no *Grosse Garten*, uma grande área verde existente até hoje em Dresden. Também se espalhava por parte do Jardim Botânico e pelo parque Príncipe Johann Georg.

Pavilhões Temáticos

Antecedendo a área dos pavilhões temáticos, havia uma praça que ficava logo após a entrada da exposição, e nela havia um pavilhão dedicado à higiene popular, com um letreiro na fachada que dizia “Direitos humanos”. A entrada desse prédio era semicircular, com diversas colunas de onze metros de altura. Dentro dele, havia uma escultura com os seguintes dizeres: *Nenhuma riqueza é igual a essa, a saúde*.

A maior parte da exposição era ocupada pelos pavilhões temáticos. O salão do primeiro pavilhão temático era dedicado às doenças infecciosas. Tiveram destaque: a tuberculose, o tifo, a cólera, a varíola, a malária, as pestes, doenças de pele, da infância e venéreas. Nesse mesmo pavilhão, havia um salão especial para as palestras proferidas por médicos alemães, especialmente de Berlim, Dresden e Munique, além de alguns médicos da Bélgica, México e Suécia, países que não possuíam pavilhões nacionais. Os temas, que mais despertaram interesse, estavam relacionados à vacinação e desinfecção.

Também cerca de cem microscópios se encontravam disponíveis para uso, com lâminas, onde organismos monocelulares, divisões celulares, fertilização e desenvolvimento de embriões e estruturas celulares de diversos órgãos humanos eram exibidos (BEYER, 1912, p.120).

Modelos do corpo humano serviam para demonstrar a função dos diferentes órgãos, das infecções, e as consequências danosas sofridas por substâncias como, por exemplo, venenos. Dispositivos mecânicos demonstravam a contração dos músculos. O funcionamento do sistema circulatório era visto por intermédio de tubos de vidro. O processo de respiração e de emissão de voz também estava entre os tópicos que o público privilegiava com sua atenção.

A saúde da mulher era exaltada, em particular como gestante, abrangendo os cuidados com os bebês, antes e após o nascimento, o aleitamento, pesos e as medidas ideais e cuidados com a pele e o sono deles.

Informações sobre a saúde na vida adulta e na velhice estavam presentes, principalmente no que dizia respeito aos cuidados com o corpo e higiene no uso de vestimentas.

No salão sobre alimentos comuns, a nutrição tinha grande destaque ao demonstrar as substâncias químicas presentes nos alimentos naturais mais comuns e que beneficiavam a agricultura em detrimento da saúde. Frascos de vidro e gráficos exibiam as quantidades diárias necessárias ao corpo humano de água, sais minerais, proteínas, gorduras e carboidratos. Os malefícios advindos do excesso de ingestão de álcool, café, chá e fumo eram ressaltados como empecilhos para uma longevidade e uma vida saudável.

No pavilhão sobre cidades e habitações, havia um setor especialmente dedicado aos métodos de aquecimento, ventilação, iluminação e limpeza dos lares.

Um pavilhão de higiene nos esportes foi construído e nele existia uma imensa piscina, com ondas artificiais de um metro de altura, além de um ginásio, uma pista de atletismo e um laboratório. Ali eram realizados exames médicos e análises clínicas, além de pesquisas antropométricas e ergométricas de atletas, antes e depois de provas esportivas. A prática de esportes era incentivada, mas sem um caráter competitivo e de preferência ao ar livre, contribuindo assim para uma higiene mental.

O centro da exposição era o *Steinpalast* (Palácio de Pedra). Nele estava abrigada a seção histórica e etnológica da higiene. Coisas curiosas foram aí divulgadas como, por exemplo, o sistema de saneamento e de abastecimento de água na Babilônia, o remoto (desde a Idade da Pedra) desejo das mulheres de ter cintura fina, o uso de amuletos para prevenir doenças, além da divulgação de hábitos funerários. Existia ainda dados que apontavam para a necessidade de estabelecimento de dias para descanso e lazer desde a Mesopotâmia.

Havia salões que forneciam informações sobre como tratar diversos tipos de ferimentos, como cuidar de doentes em casa, como transportá-los por terra e mar, como cuidar de doentes prisioneiros e doentes mentais. A higiene militar e higiene nas colônias também eram temas expostos nesses salões.

Existia um pavilhão sobre higiene da raça, coordenado pelo psiquiatra austríaco Ernst Rudin e o bacteriologista também austríaco Max Von Gruber, residente em Munique. Rudin fez diversas experiências de esterilização de doentes mentais e, mais tarde, tornou-se figura de destaque na Alemanha nazista, produzindo a “lei para a prevenção de descendência hereditariamente enferma”, que culminou com o extermínio de judeus, ciganos, homossexuais. Com certeza, este pavilhão, de tema polêmico, contribuiu, posteriormente, para uma imagem negativa da exposição, após os episódios nos campos de concentração ocorridos anos depois, prejudicando o registro de outros fatos relevantes nela apresentados.

Esse pavilhão tinha como objetivo chamar a atenção do público para a importância da hereditariedade com relação à prosperidade e à degeneração da raça (BEYER, 1912, p.116).

Comprovando uma visão higienista e não nazista da exposição, havia um pavilhão coordenado por médicos judeus alemães que, pela primeira vez, apresentava esclarecimentos sobre a circuncisão sem uma abordagem religiosa e sim com ênfase nos benefícios médicos. A circuncisão era mostrada como uma medida higiênica para uma boa saúde de indivíduos de diferentes nações e raças. O livro *A higiene dos judeus (Die Hygiene der Juden)*, coordenado pelo rabino alemão Max Grunwald, foi editado pela Divisão Cultural da exposição, logo após o seu término, em 1911. Tratava-se de uma publicação sobre a higiene no judaísmo, incluindo método de abate de animais para consumo.

Além dos pavilhões e salões de temas científicos, havia áreas de lazer e a *Festplatz* (Praça da Festa) era uma delas. Em seu entorno havia um pavilhão de música, um restaurante e uma adega. Na mesma área, havia também um parque de recreação, um espaço para exposições equestres, uma pista de dança, uma cervejaria e casas de chá, sendo uma japonesa e outra indiana. Essas partes da exposição serviam para acomodar o excesso de visitantes, permitindo que eles ali aguardassem a vez de visitar os demais pavilhões, sempre lotados.

As indústrias exibiram, em uma seção independente, seus produtos que deveriam ser relacionados ao conteúdo científico da higiene. Os destaques foram os produtos desinfetantes utilizados em diversas situações da vida cotidiana.

Pavilhões Estrangeiros

Ao lado da *Festplatz* e do *Grosse Garten*, havia uma avenida com 40 m de extensão, ladeada por tílias e em um dos lados ficavam os pavilhões estrangeiros. Essa avenida, que possuía uma iluminação especial à noite, era chamada de Avenida Hércules, por causa de uma estátua do herói da mitologia grega existente no local.

Sem contar com a Alemanha, país anfitrião, havia pavilhões científicos de mais doze países: Áustria, Brasil, China, Espanha, França, Holanda (Amsterdã), Hungria, Inglaterra, Itália, Japão, Rússia e Suíça.

O Brasil foi o único país das Américas a ter um pavilhão nessa exposição e isso foi registrado em discurso do organizador do evento, o Sr. Lingner.

Destaca-se, aqui, o pavilhão da Áustria, um dos maiores e mais ricos, que, assim como o do Brasil, tinha um cinematógrafo onde foi exibido um filme sobre eletro-higiene.

A existência de um pavilhão da Hungria causou surpresa, uma vez que ela era integrante do Império Austro-Húngaro, dissolvido apenas em 1918.

Apesar dos esforços do Príncipe alemão Christian da Schleswig-Holstein, casado com uma princesa inglesa, do prefeito de Londres e do Comitê Nacional Britânico, a Inglaterra apresentou um pequeno pavilhão, organizado por cientistas, sem o apoio do governo inglês.

Já a Itália, que, em 1911, tinha três exposições agendadas (Roma, Turim e Florença), conseguiu erguer e manter seu pavilhão.

A presença de renomados cientistas e resultados de suas pesquisas foi notada em todos os pavilhões internacionais.

O Pavilhão do Brasil

No final do século XIX e início do século XX, o Movimento Higienista ou Sanitarista chegava ao Brasil carregado pela preocupação com a saúde individual e coletiva da população do país, nas capitais e nas cidades do interior. Predominava a idéia de que um povo educado e com saúde era a principal riqueza de uma nação.

Oswaldo Cruz e os demais cientistas do Instituto Oswaldo Cruz estavam envolvidos com questões de saúde afinadas com os ideais higienistas, ou seja, preocupação com as condições de vida nas capitais, onde havia aglomerados humanos e nas cidades do interior, para onde viajavam para descobrir doenças, como foi o caso da Mal de Chagas. As vacinas eram pesquisadas, produzidas e aplicadas por essa equipe de cientistas, destacando-se a Revolta da Vacina, relacionada ao combate à varíola, como um episódio social e sanitário, além das campanhas contra a febre amarela, uma doença inserida no campo da “medicina tropical” e a peste bubônica.

A premiação de Oswaldo Cruz no Congresso Internacional de Higiene, em Berlim, em 1907, era um prenúncio do sucesso do pavilhão brasileiro em Dresden e da expectativa em torno do que seria ali exibido.

Segundo o relatório oficial do Itamarati relativo ao ano de 1911, para a Exposição Internacional de Higiene, em Dresden, foram nomeados como representantes do Brasil o Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz, diretor do Instituto Oswaldo Cruz, o Dr. Henrique Figueiredo Vasconcellos e o Dr. Antônio Cardoso Fontes, ambos médicos e assistentes no Instituto Vacínico Municipal (RJ), que trabalharam com Oswaldo Cruz a partir de 1900 e o Dr. Ataliba Florence, médico, membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, filho do pintor viajante Hércules Florence, da expedição de Langsdorff e membro do Instituto Butantã. Também estava presente o Dr. Bruno Rangel Pestana, do Instituto Butantã (ROSENFELD, 1965, p.5)

O pavilhão foi projetado por Luiz Moraes Junior, responsável pela construção do castelo de Manguinhos. Na sua construção, foram utilizadas as mesmas normas de higiene arquitetônica, empregadas na construção do Instituto Oswaldo Cruz, ou seja, com os cantos das paredes arredondados de maneira a facilitar a limpeza, amplas janelas para circulação do ar e boa iluminação. Dentro do pavilhão, havia uma casa que representava um sistema de isolamento, para evitar a contaminação das pessoas saudáveis por pacientes, vítimas da febre amarela.

O pavilhão brasileiro mostrava os resultados da campanha contra a febre amarela no Rio de Janeiro. Contava ainda com a exibição de soros e vacinas, uma coleção de mosquitos e outros insetos brasileiros (FONSECA FILHO, 1974, p.140)

[...] a amostra brasileira reunia desde mapas, fotografias e estatísticas da Campanha contra a febre amarela no Rio de Janeiro e, até, os primeiros resultados da Campanha em Belém. Contava ainda com a exibição de soros e vacinas, uma coleção de mosquitos e outros insetos brasileiros (AMARAL, 2006, p.228).

Também estavam expostos uniformes dos “mata-mosquitos” e material de desinfecção das ruas e casas tais como uma miniatura dos carros de fumigação e recipientes de *phyretro*, substância empregada nessa ação. As estatísticas, além de serem apresentadas em gráficos, também foram exibidas em formas tridimensionais, sob a forma de cones e esferas.

Coleções de insetos transmissores de doenças, tais como as de mosquitos da febre amarela e “barbeiros” (*Trypanosoma cruzi*) da doença de Chagas, foram exibidas bem como uma coleção de *tabadinae*, espécie de “mutuca”, organizada pelo Dr. Adolpho Lutz, médico sanitário brasileiro, considerado fundador da medicina tropical e da zoologia médica no Brasil.

Segundo depoimento de sua filha, Bertha, parte dessa coleção rara foi extraviada no retorno ao Brasil para desespero daquele cientista. (FAIRCHILD, 1941).

Oswaldo Cruz escreveu, em 26 de maio de 1911, uma carta ao amigo João Pedroso, na qual ele mencionava suas expectativas quanto ao pavilhão brasileiro, pois achava que o material sobre a doença de Chagas iria “prender a atenção” de pesquisadores, assim como “as plantas do Pará” colocadas na entrada do cinematógrafo.

Destacavam-se as reproduções de “papos”, encomendadas a um escultor francês. Os “papos” eram, na realidade, resultantes do bócio endêmico e não do mal de Chagas, como mais tarde foi constatado.

Em Dresden, [...] o trabalho completo sobre a doença produzida pelo *Trypanosoma cruzi*, a Doença de Chagas, [...] consolidou a protozoologia como uma das mais importantes áreas de pesquisa do Instituto Oswaldo Cruz (BENCHIMOL; TEIXEIRA, 1993).

O Instituto Butantã estava presente no pavilhão brasileiro, apresentando uma coleção de ofídios, fotografias, e um filme sobre a produção da vacina contra mordida de cobra.

Em 1911, ambos os institutos [Instituto Oswaldo Cruz e Instituto Butantã] apresentaram trabalhos em um congresso internacional em Dresden, "e a partir deste efeito combinado resultou em um aumento de estima internacional - e, como conseqüência estima nacional - de 'Brasil científico'" (PYENSON, 2002, p.15).

Participava também do pavilhão brasileiro o Instituto Vacinogênico de São Paulo, apresentando fotos e um filme sobre o processo da produção da vacina antivariólica.

O Cinematógrafo e os Filmes Brasileiros

Um cinematógrafo, que tinha capacidade para acomodar cem pessoas na plateia, foi construído no pavilhão brasileiro para as exibições diárias de quatro filmes: um sobre crianças acometidas pela doença de Chagas, em Lassance, Minas Gerais; outro sobre o combate à febre amarela no Rio de Janeiro; mais um sobre o resultado das pesquisas no Instituto Butantã; e por último, um sobre a produção de vacinas do Instituto Vacinogênico de São Paulo.

O cinematógrafo brasileiro lotava todos os dias, mantendo uma parte do público em pé e terminando suas sessões sob aplausos.

De acordo com o Dr. Gastão Rosenfeld (1965), o Instituto Butantã estava empenhado em obter venenos de cobras para trabalhos experimentais, imunização de cavalos para a produção de soros antiofídicos e pesquisas e classificação de novas

espécies de serpentes. Estas atividades foram registradas em filme exibido em Dresden.

O Instituto Vacinogênico de São Paulo apresentou um filme sobre processo de fabricação da vacina contra a tuberculose bovina, um trabalho do Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho.

Infelizmente, tanto o filme do Instituto Butantã quanto o filme do Instituto Vacinogênico estão perdidos.

Os filmes apresentados pelo Instituto Oswaldo Cruz eram dois. Um deles era sobre o Serviço de Febre Amarela e as campanhas sanitárias no início do século, na cidade do Rio de Janeiro. A ficha técnica da cópia obtida por intermédio do Instituto Pasteur indicava: mudo, em preto e branco, 35 mm e com duração de 19 min. Seu título era *Combate à Febre Amarela*. Há um título em francês, “*La lutte contre la Fièvre Jaune*” e, no mesmo idioma, apareciam intertítulos explicando as etapas do processo de combate à doença. Em um deles, apareceu o símbolo da Gaumont, empresa cinematográfica francesa, além do nome do *Institut Pasteur* aparecer no início do filme. Não foi possível saber se o cineasta responsável pelas filmagens era um francês ou se apenas a Gaumont e o Instituto Pasteur eram responsáveis pela cópia do filme. Não existe mais o original deste filme.

De acordo com pesquisas do historiador Eduardo Vilela Thielen, uma carta de Oswaldo Cruz, datada de 26 de março de 1911, apontava Oliveira Borges como realizador de um filme sobre este tema, mas não foi possível saber se era o mesmo filme aqui citado. Já a JN/Manivela indicava que o filme pode ter sido realizado por Antonio Leal, por volta de 1906. Ele trabalhava como diretor artístico da Photo-Cinematographia Brasileira, da Labanca, Leal e Cia., que era proprietária de um grande armazém de aparelhos (câmeras) oferecidos para filmagens. A mesma empresa oferecia filmes de costumes e científicos.

No filme, foram apresentados os métodos de combate aos mosquitos por isolamento de quartos e de casas, executados pelos guardas sanitários, que incluíam a desinfecção através de vapores de *phyrethro*, fechamento de frestas e janelas e cobertura dos telhados com panos e papéis para evitar a penetração de mosquitos. Portas e janelas guarnecidas com telas, cuidados com os doentes, biombo de

isolamento na entrada do quarto também foram mostrados. Além de todo o processo de combate à febre amarela pelos “mata mosquitos”, destacavam-se cenas de rua, onde a cidade e o povo eram o centro das imagens.

De acordo com Hernani Heffner, pesquisador de história do cinema brasileiro e chefe do setor de restauração da Cinemateca do MAM, no Rio de Janeiro, o filme apresentava técnicas modernas, cenas de interior e exterior de excelentes qualidades. Planos do alto eram frequentes. Não há como saber se havia algo semelhante nos filmes anteriores a este período porque esta produção nacional não existe mais e, de acordo com os registros, não há nada referente a esse tipo de produção e com esta estrutura de narração nos raros filmes feitos no Brasil, incluindo os de ficção, a partir da década de 20. Sendo assim, segundo Heffner, este filme pode ser considerado “uma pérola” do cinema brasileiro.

O segundo filme apresentado pelo Instituto Oswaldo Cruz tratava das pesquisas de Carlos Chagas no interior de Minas. Seu título era *Chagas em Lassance*. A ficha técnica do filme, cedido por familiares de Carlos Chagas, indicava: mudo, em preto e branco, 9 min de duração.

Para Hernani Heffner, essas filmagens foram feitas por uma câmera de madeira com manivela, com filme de 16 quadros por segundo, fixada em tripé. O filme era monocromático, utilizando a luz do sol como iluminação em suas cenas apenas externas. Os planos são demorados e cada etapa do processo foi filmada com clareza e didaticamente. A câmera tinha como foco crianças e adultos doentes, andando com dificuldades com o apoio de enfermeiras, mães e até mesmo do próprio Carlos Chagas. O tema era a diplegia cerebral espasmódica, resultando em idiotia, infecções nas parótidas, com a presença de “papos” que, mais tarde, o próprio Carlos Chagas considerou que não tinham relação direta com o Mal de Chagas produzido pela *trypanozoma cruzi* do barbeiro. Foram registradas imagens do inseto (barbeiro) nas paredes de uma casa. As crianças despidas andavam em caminhos de terra batida e frequentemente caíam, demonstrando distúrbios neurológicos. Essas imagens, que denunciavam um atraso de vida, na verdade mostravam que existiam doenças a serem descobertas e que poderiam ser evitadas com o auxílio das ciências.

Curiosamente, este filme foi apresentado pela primeira vez, no dia 26/10/1910, quando Carlos Chagas recebeu o título de membro da Academia Nacional de Medicina. Naquela noite, o prédio da Academia inaugurava suas instalações elétricas, um símbolo de progresso, permitindo a projeção do filme, cujas imagens mostravam um quadro de atraso no interior do país, mas apontava para a descoberta de um mal, que identificado, teria cura.

Os dois filmes produzidos pelo Instituto Oswaldo Cruz foram tema do documentário intitulado *Cinematógrafo brasileiro em Dresden*, dirigido por Stella Oswaldo Cruz Penido e Eduardo Thielen, ambos da Fiocruz, apresentado no final das comemorações do Ano Brasil-Alemanha, em 2011. Este documentário, exibido em alguns festivais aqui no Brasil, recebeu o prêmio de Melhor Filme de Curta Metragem, do Júri Popular, no Recine, patrocinado pelo Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, em 2011.

Repercussão Internacional do Pavilhão Brasileiro

Sobre a repercussão internacional do Brasil na exposição, há o registro das palavras do editor Julius Friedrich Lechmann: “os senhores não trouxeram para aqui uma exposição, mas sim uma escola acadêmica, na qual nós todos temos que aprender e estudar” (FRANCO, 1969, p.63).

Em artigo publicado no periódico norte-americano *Popular Science*, em fevereiro de 1912, Henry Beyer relata os acontecimentos da exposição de Dresden e sobre o pavilhão brasileiro ele diz:

Aqueles não familiarizados com os valores e o caráter elevado do trabalho realizado, nos últimos anos no Brasil, pelas autoridades de saúde pública, ficaram surpresos ao ver as exibições maravilhosas do pavilhão brasileiro e puderam ver as sessões cinematográficas diárias sobre o trabalho de campo, realizado naquele país, para combater a febre amarela e outras doenças infecciosas. O serviço sanitário do Brasil se mostrou bem organizado e o trabalho se deu através de métodos e instrumentos modernos. Completamente equipados, laboratórios de química, bacteriologia e patologia estavam à disposição do sanitário. Sob a vigilância sanitária do Dr. Oswaldo Cruz, continuada pelo Dr. Figueiredo de Vasconcellos, o Rio de Janeiro está livre da febre amarela e passou a ser uma das cidades costeiras da América do Sul mais saudáveis (BEYER, 1911) (tradução nossa).

Referindo-se ao pavilhão do Brasil e à presença de Oswaldo Cruz em Dresden, temos o seguinte registro:

Em suma, o sucesso do Pavilhão Brasileiro era inegável cientificamente. Além disso, a ansiedade [de Oswaldo Cruz] aumentava e as manifestações de apreço o incomodavam mais ainda (FRANCO, 1969).

Oswaldo Cruz escreveu para João Pedroso de Albuquerque contando que as cartas de Figueiredo Vasconcellos eram entusiasmadas a respeito da exposição (GUERRA, 1940, p.543). Oswaldo Cruz acreditava ser um exagero patriótico de seu amigo, mas felizmente as declarações eram verídicas. O pavilhão brasileiro foi um sucesso científico. Na mesma época em que a exposição estava acontecendo, houve um Congresso de Microbiologia, e segundo Figueiredo Vasconcellos, “todos os membros [foram] à nossa exposição, espontaneamente e sem prévio convite”.

Considerações Finais

A exposição foi encerrada no dia 31 de outubro de 1911. O sucesso dessa exposição pode ser avaliado pela presença de mais de cinco milhões de visitantes, durante os seis meses em que esteve aberta ao público. Como resultado, surgiram pedidos para que essas coleções exibidas fossem guardadas em um local para serem continuamente revistas.

O Sr. Ligner comprou o palácio construído para o Príncipe Albrecht da Prússia, a beira do rio Elba, para servir como museu alemão da higiene, dando início à sua instalação, em 1912. Apenas em 1930, o museu foi concluído, devido às dificuldades pelas quais a Alemanha passou durante a Primeira Grande Guerra. Esse museu existe até hoje, mas em prédio novo, devido à destruição do antigo, sob fortes bombardeios na Segunda Guerra Mundial que praticamente arrasou a cidade de Dresden.

Motivados pelo mesmo apelo do público visitante, diversos países criaram seus museus de higiene e entre eles, o Brasil. O museu brasileiro foi instalado inicialmente na Rua Clapp e depois na Rua do Rezende, no centro do Rio de Janeiro, funcionando junto a Diretoria Geral de Saúde Pública. Esse museu não mais existe.

A exposição de Dresden foi um marco na área da saúde e o Brasil teve importante destaque no evento, trazendo desdobramentos para o destaque da ciência brasileira, como foi o recebimento do prêmio *Schaudinn* do Instituto de Moléstias Tropicais de Hamburgo por Carlos Chagas, no dia 22 de junho de 1912, um ano após o sucesso em Dresden.

A visita à exposição de Dresden não foi apenas uma experiência cognitiva. Foram utilizados diversos materiais informacionais, dirigidos aos visitantes da exposição, cientistas e leigos, destacando-se o cinema. Todos os sentidos dos visitantes foram estimulados e as emoções, por vezes, foram provocadas, transformando um evento científico e educacional em algo que se assemelhava a um espetáculo de entretenimento.

Referências

ALMEIDA, Marta de. Congressos médicos, redes e debates locais na América Latina no início do século XX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais ...** São Leopoldo: Associação Nacional de História, 2007.

ALMEIDA, Marta de. Entre balões, carrosséis e ciências: a Exposição Internacional de Higiene na capital federal. In: Encontro Regional de História, 12., 2006, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: Associação Nacional de História, 2006.

AMARAL, Alexandre Souza. **Vamos à vacina?** Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904 a 1911). Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à história contemporânea**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BENCHIMOL, Jaime; SÁ, Magali Romero. Adolpho Lutz e a instituição da entomologia médica no Brasil. In: Encontro Regional de História, 12., 2006, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: Associação Nacional de História, 2006.

BENCHIMOL, Jayme I.; TEIXEIRA, Luiz Antonio. **Cobras, lagartos e outros bichos**. Uma história comparada dos Institutos Oswaldo Cruz e Butantan. Rio de Janeiro: EDUFRJ/Casa de Oswaldo Cruz, 1993.

BEYER, Henry G. The International Hygiene Exhibition, Dresden, 1911. An appeal. **American Journal of Hygiene Public**, Boston, v.1, n.11, p.853-858, Nov. 1910.

BEYER, Henry G. The International Hygiene Exhibition at Dresden. **The Popular Science Monthly**, New York, v. 80, n.8, p. 105-128, Feb. 1912.

CAPONI, Sandra. Corpo, população e moralidade na história da medicina. **Esboços**, Florianópolis, v.9, n.9, p.69-86, 2001.

CRUZ, Oswaldo. **Carta à Miloquinha**. Dresden. Dossiê Viagens à Europa - 1911/1916. – Expedições Científicas de Manguinhos. Correspondência pessoal. (Acervo da Fundação Oswaldo Cruz – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz – DAD). 05 maio 1911.

DUNHAM, George C. The International Hygiene Exhibition. **American Journal of Public Health**, Washington, D.C., v. 21, n.1, p.1-10, Jan. 1931.

EPHRON, John M. In praise of German ritual: modern medicine and the defense of ancient traditions. In: Ephron, John M. **Medicine and the German Jews**. A history. New Haven: Yale University Press, 2001.

FAIRCHILD, Graham Bell. Notes on *Tabanidae* (Dipt.) from Panama IV. The genus *Leucotabanus* Ad. Lutz. **Annals of the Entomological Society of America**, Lanham, v. 34, n. 3, p. 629-638, 1941.

FONSECA FILHO, Olympio da. “O instituto Oswaldo Cruz na Amazônia”. In **Oswaldo Cruz monumenta histórica**. A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil. v. II. tomo II. São Paulo: [s.n.], 1974.

FRANCO, Odair. Campanhas de Oswaldo Cruz. In: **História da febre amarela no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Brasileira Ltda, 1969. (Ministério da Saúde – Departamento Nacional de Endemias Rurais)

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.1, p. 41-54, set. 2003.

GUERRA, Sales E. **Oswaldo Cruz**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1940.

INTERNATIONAL Hygiene Exhibition. England’s non-participation in the Hygiene Exhibition in Dresden. **The British Medical Journal**, London, v.2, n.2608, p. 889, 24 Sept. 1910.

INTERNATIONAL Hygiene Exhibition, Dresden. British Section. **The British Medical Journal**, London, v.2, n.2640, p. 299, 05 Aug. 1911.

INTERNATIONAL Hygiene Exhibition, Dresden. Infective diseases. **The British Medical Journal**, London, v.2, n.2648, p. 766, 30 Sept. 1911.

INTERNATIONAL Hygiene Exhibition, Dresden, 1911. Correspondence. **The British Medical Journal**, London, v.1, n.2613, p. 225, 28 Jan. 1911.

INTERNATIONAL Hygiene Exhibition, Dresden, 1911. The opening ceremonies. **The British Medical Journal**, London, v.1, n.2628, p. 1132, 13 May 1911.

INTERNATIONAL Hygiene Exhibition in Dresden (May-October 1911). Disponível em: <http://germanhistorydocs.gwi-dc.org/sub_image.cfm?image_id=1639>. Acesso em: 03 dez. 2010.

INTERNATIONAL Hygiene Exhibition, Dresden, 1911. May-October. Invitation. **The Journal of Hygiene**, London, v. 10, n.1, p. 131-134, Apr. 1910.

INTERNATIONAL Hygiene Exposition in Dresden, 1911. **Nature**, London, n.86, p.24-25, 02 Mar. 1911.

INTERNATIONAL Hygiene Exposition, Dresden, 1911. **Journal of the American Medical Association**, Chicago, v.55, n. 14, p. 1216-1217, 01 Oct. 1910.

MACKENBACH, Johan P. Odol, autobahne and a non-smoking Führer: reflections on the innocence of public health. **International Journal of Epidemiology**, v. 34, n.3, p.537-539, June 2005.

MEDEIROS, Alfredo Augusto de Castro. **Considerações gerais sobre a varíola no Brasil e a conseqüente introdução de sua profilaxia pela vacina animal, especialmente em São Paulo**. São Paulo: Serviço Sanitário; Instituto Vacinogênico; Typografia do Diário Oficial, 1918.

PARK, Roberta J. Cells or soaring? Historical reflection on “versions” of the body, athletics and modern olympism. **Olympika**. The International Journal of Olympic Studies, Ontario, v.9, p.1-24, 2000.

PYENSON, Lewis. Comparative history of science. **History of Science**, Bucks, v.40, n. 127, p.1-33, mar. 2002.

ROSENFELD, Gastão. Vital Brazil como pesquisador científico. **Pinheiros Terapêutico**, São Paulo, v.14, n. 74, p.4-6, mar./abr. 1965.

TEIXEIRA, Luiz Antônio; ALMEIDA, Marta de. Os primórdios da vacina antivariólica em São Paulo: uma história pouco conhecida. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 2, p. 475-98, 2003.